ASPIRAÇÃO MALLOGRADA

Vicente Machado Pimentel...

O leitor não o pode ter conhecido. Para suppor o contrario, será preciso attribuir-lhe idade octogenaria, e, certo, o leitor não a tem, que se vai fazendo muito rara.

Vicente Machado Pimentel fez parte do corpo discente e docente do Lyceu Cearense, sendo um dos poucos estudantes que compuzeram a turma com que se inaugurou, a 19 de outubro de 1845, aquelle estabelecimento de educação. Elle e mais quatro foram os matriculados naquelle anno:— Fandalo Severino Duarte e seu irmão Cesario, filhos do lente de latim Manoel Severino Duarte; José Varonil, filho de Manoel Bezerra de Albuquerque; Salustiano Pessoa, filho de José Raymundo Pessoa; e Vicente Machado Pimentel, filho do portuguez Joaquim José Machado Pimentel e d. Rufina Senhorinha Pimentel, que foram sogros de João Luis Rangel, cuja esposa, d. Francisca Pimentel de Castro Rangel, falleceu em Fortaleza a 27 de outubro de 1878, contando 55 annos de idade.

Pelo lado materno, Machado Pimentel era sobrinho do conego Antonio de Castro Silva, de Arronches.

Foi um dos primeiros estudantes do Lyceu, como se vê, pela ordem chronologica, e, mais ainda, dos primeiros pelo merecimento intellectual.

Estudou no Lyceu tres annos—1845, 1846 e 1847; e, quando de lá saiu, estava apto a ensinar qualquer das sete màterias ali lecicnadas.

Era considerado por muitos dos seus collegas como o estudante mais distincto, e cumpre observar que o numero de alumnos nos tres annos attingiu a 98; outros, porém, achavam que esse logar de honra devia caber a José Joaquim de Oliveira, illustre cearense que, posteriormente, no Rio de Janeiro, pobre e desajudado, conseguiu, por seu talento e grande amor ás letras, notavel posição no magisterio superior do paiz.

Terminado o curso no Lyceu, Machado Pimentel poz annuncio nos jornaes e começou a dar lições de latim. Eram apenas dous os professores particulares dessa disciplina, em Fortaleza: elle e o padre Francisco Xavier Nogueira. Ensinavam a 3$000 rs. mensaes.

Tendo occorrido a 21 de setembro de 1847 o fallecimento do padre Severino, lente de latim no Lyceu, fez-se, em 1848, o concurso para o provimento da vaga e para o preenchimento dos logares de lentes substitutos recentemente creados.

Para a cadeira de latim inscreveram-se diversos candidatos: o padre Antonino Pereira de Alencar e o padre Nogueira disputaram a cathedra; Machado Pimentel, Constantino Brigido e o padre Cerbelou Verdeixa o logar de substituto. Este abandonou o pleito, fugindo ao ponto sorteado, ficando em campo apenas dous concorrentes ao logar de substituto.

Foram todos approvados pela congregação do Lyceu, sendo classificados no primeiro logar o padre Antonino para cathedratico e Machado Pimentel para substituto. Um e outro foram nomeados por portaria de 8 de fevereiro de 1848. Machado Pimentel tinha então 19 annos.

Na occasião das provas, reunida a congregação, a sala cheia do que havia de melhor na repre-

sentação das letras, presente o dr. Moraes Sarmento, presidente da provincia, latinista emerito, nada faltou para a solennidade do acto. Sorteado o ponto, o padre Verdeixa passou os olhos ligeiramente pela pagina indicada e logo pediu á banca examinadora para ir «refocillar» um pouco lá fóra. Saiu. Todo o mundo suppoz que elle voltaria dentro de pouco tempo, 10 minutos, 15 minutos, meia hora mesmo. Já se esperava com impaciencia, esgottado o praso razoavel, quando se tomou a deliberação de mandar procurar o padre em certa dependencia da casa. Soube-se então que elle lá não estivera. Ausentara-se do estabelecimento. Ninguem pôde sustar o movimento de riso quando o bedel, terminada a busca, levou o resultado da sua diligencia á banca examinadora que, já impaciente, esperava...

Dias depois, o «Pedro II» publicava uma mofina, genero de publicação muito ao sabor da época, em que se perguntava ao padre Verdeixa, em nome dos estudantes do Lyceu, da banca examinadora, de todas as pessoas que estiveram presentes ao concurso e a sua espera, se elle ainda não acabara de «refocillar»...

Nessa época, aos concursos já não faltavam as divergencias ruidosas, as discussões irritantes, mofinas e remoques em que se interessava toda a gente que lia e acompanhava os acontecimentos da terra.

A collocação do padre Antonino no primeiro logar causou escandalo ao «Pedro II»:—o padre Nogueira exibira muito melhores provas, e ninguem que conhecesse os dous, affirmava o jornal dos conservadores, se enganaria sobre o preparo de um e outro... E rematava: «só a politica era capaz de tamanho desfaçamento...»

A retirada do padre Verdeixa foi motivo, por muito tempo, do commentario humoristico dos rapazes de então.

Ao dr. Theophilo Rufino, a quem disputara a cadeira de philosophia o dr. João Carlos Pereira Ibiapina, um dos homens de saber e de mais louvada intelligencia do seu tempo, attribuiu o orgão carangueijo inferioridade nas provas. Sua nomeação teria sido, na opinião do articulista, obra do patronato politico.

No Lyceu, que Vicente Machado frequentou tres annos, como ficou dito, encontrava-se a flôr da mocidade viril do Ceará. Foi ahi o ponto de partida de muitos que se lançaram á conquista da gloria para o seu nome e de muita honra para o paiz.

Percorrendo demoradamente a lista de seus nomes, um por um, vê-se quanto vale o esforço proprio alliado ao bom senso, ao criterio justo na observação das cousas e dos factos e ao aproveitamento regular das faculdades superiores. Desse pugillo de moços, os que mais subiram na escala dos valores sociaes não foram os de familias mais abastadas ou de melhor representação na vida publica ; foram os que lutavam por trazer seus nomes á notoriedade, dando-lhes o prestigio do saber que escapa (graças a Deus !) á munificencia dos poderosos...

Base da prosperidade estavel, tanto quanto o permitte a contingencia das cousas humanas, representa o saber patrimonio inalienavel sobre que assenta a superioridade dos homens, de uns sobre os outres.

De familias cearenses modestissimas em haveres destacaram-se nomes que se impuzeram á veneração dos seus contemporaneos e se constituiram paradigmas para as gerações futuras de moços. Esse mesmo Vicente Machado Pimentel, na curta existencia dos seus 24 annos, muito honrou á terra cearense.

Era-lhe aspiração suprema fazer o curso de

medicina numa das duas Faculdades—Bahia ou Rio. Escolheu a do Rio, confiando em que, na capital do paiz, não lhe faltariam os recursos necessarios á sua subsistencia, dada a capacidade de trabalho e aptidões de que era portador.

Pediu uma licença de tres mezes, que lhe foi concedida para tratamento de saúde a 27 de agosto de 1849. Nesse mesmo dia officiou o presidente da provincia, dr. Fausto de Aguiar, ao agente de vapores, Henrique Ellery, que lhe désse passagem até o Rio de Janeiro, «em um dos lugares do governo que se achassem vagos, no vapor *Imperatriz*—».

O «Imperatriz» estava no porto. A partida marcada para 10 horas da noite.

Machado Pimentel passou o dia na viva agitação de rapidas visitas, da casa de um á casa de outro, no empenho de dar o abraço de despedida a quantos os estimavam e a sua familia. Rara a casa em que não se desobrigou desse dever de amizade.

Soaram-lhe aos ouvidos, a cada instante, palavras de animação, votos de felicidade, prophecias de brilhante futuro. Queriam vel-o,—diziam—, de volta, vencedor nas pugnas da intelligencia, glorificado o seu nome, com muita honra para sua terra...

Na angustia inexprimivel, que lhe cerrava o peito naquelle dia, essas palavras lhe repercutiam nalma como a vibração dos sinos em dobres a finados...

O embarque se realizou á tarde, ao pôr do sol.

A praia, de areias alvissimas, estendia-se em linha ligeiramente sinuosa, a esse tempo sem um melhoramento qualquer no sentido de facilitar o trafego maritimo. As jangadas, velas abertas e enfunadas, andavam na faina do serviço do porto, muito movimentado, aquelle dia, pela presença do «nacional». No declive montante formado pelas

areias vinham distender-se preguiçosamente as ondas, morrendo ahi os ultimos flocos da branca espuma de que se orlavam.

O ponto preferido para embarque e desembarque era o que correspondia á rua dos Mercadores, por onde todos desciam ao porto.

Trocados os abraços com os amigos que o acompanharam, Machado Pimentel, nos braços de dous homens vigorosos habituados á vida do mar, transportou-se para a jangada que rapido o afastou da terra amada.

O «Imperatriz» largou effectivamente ás 10 horas da noite.

Para seus amigos supersticiosos um mau presagio teria sido essa partida no seio das trevas...

As luzes que se penduravam nas vergas da náu, reflectindo-se na superficie movediça das aguas, acompanhando-lhe as ondulações, lembravam-lhes a chamma de cirios mortuarios agitada pelo vento...

A densa escuridão não permittia distinguir bem o vulto da cidade, já a esse tempo sem a illuminação, que lhe dera Moraes Sarmento com o primitivo contracto com Victoriano Borges.

Machado Pimentel, encostado á amurada do «Imperatriz», alheio á agitação da gente de bordo, solicita no aprestamento do navio para a partida, tinha o olhar voltado na direcção da cidade, e, na mudez das grandes dôres moraes, vertia suas primeiras lagrimas de saudade, silenciosamente, presago o coração, na insciencia dos dias que o aguardavam em terra estranha, longe de suas mais caras affeições

«entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!»

Sua vida, no Rio, foi um continuo labutar.

Trabalhando exhaustivamente no ensino de diversas disciplinas em collegios e casas particulares, via com tristeza, dia a dia, crescerem os obices á realização das suas aspirações.

Minguava-lhe o tempo para o comparecimento ás aulas da Faculdade, num regimen escolar em que a frequencia era indispensavel. Quarenta faltas durante o anno lectivo bastavam para a perda da matricula.

Não desanimou na luta, sempre na esperança de melhores dias. Por fim, comprehendeu que a situação não mudava e, permanecendo a mesma, jamais permittiria a realização dos seus desejos.

Uma tristeza infinita começou a sombrear-lhe os dias, e, aos seus olhos, os esplendores da metropole, tão rica de encantos, que, aliás, nunca nelle haviam exercido apreciavel fascinação, começaram a assumir feições de hostilidades ignotas. A musica lhe fazia mal, os rumores da multidão em alegria dispertavam-lhe nalma mortal melancolia...

Aos conterraneos que chegavam, moços como elle, vindos do Ceará, providos de recursos de toda naturesa, e na alegria tumultuaria de conhecerem o Rio, tantas vezes gabado nas palestras da provincia, occultava, por sentimento de amor proprio, essa situação embaraçosa. Nunca lhes pediu cousa nenhuma, que para viver lhe bastava o producto do seu trabalho.

—Mas o ideal? Esse, o considerava perdido, e á sua organização intima, de extrema sensibilidade, não lhe importava a vida, após o naufragio das fagueiras esperanças dos seus sonhos de moço.

Essa situação moral depressiva, de permanencia accentuada, levou-o a pensar no abandono do mundo. Iria pedir ao silencio dos claustros, á disciplina rigorosa da vida monastica, a paz de que carecia seu espirito atormentado.

Tivera sonhos, acalentara esperanças, empenhara suas energias na realização de honestas e razoaveis ambições; deixara a terra querida do seu berço, familia, amigos, affectos, correndo em busca do ideal; arrojara-se á luta com a impavida coragem dos grandes batalhadores, e eis que, ao fim de 3 annos, não se achava além do ponto de partida...

Não, não alimentaria mais sonhos. A' porta do claustro em que teria de dizer adeus ao mundo, ficaria, com suas lagrimas, o espolio das suas esperanças vans e de seus sonhos desfeitos...

No silencio da nave, mergulhado na penumbra do templo, diante da imagem do Crucificado, elevaria a Deus seu espirito liberto das preoccupações terrenas...

Nem esse desejo lhe foi dado realizar. Seu organismo cedia á persistencia das causas moraes que o abatiam. Quando procurava reunir os elementos indispensaveis á iniciação da nova vida, o rubro symptoma de cruel molestia o advertiu de mais uma desillusão...

Machado Pimentel pouco resistiu á violencia do mal. Falleceu a 9 de Janeiro de 1853.

O burel em que pensara afastar-se do mundo foram as paredes da humilde sepultura, que recebeu seu corpo, no cemiterio S. Francisco Xavier.

Dos seus contemporaneos, no Lyceu, muitos chegaram á eminencia de altas posições sociaes.

Fizeram-se medicos: Josué Torres de Albuquerque, Joaquim Hanvultando de Oliveira, Joaquim Barbosa Cordeiro, Paulino Franklin do Amaral (Barão de Canindé), Rufino Antunes de Alencar e Adolpho Bezerra de Menezes; bachareis—Gonçalo de Almeida Souto, João Antunes de Alencar, Umbellino Moreira de Oliveira Lima e José Alexandre de Amorim Garcia; engenheiros—Antonio Gonçalves da Justa Araujo e José Joaquim

de Oliveira (cathedratico da Escola Central e da Academia de Bellas-Artes, de que foi vice-director); padres—Luiz Vieira da Costa Delgado Perdigão, Joaquim Antunes de Oliveira e Belarmino Francisco Martins Gafanhoto; pharmaceutico—Antonio Theodorico da Costa; commerciantes—Antonio Gonçalves da Justa, Antonio Alexandrino da Costa e Silva, Florindo Ferreira Gomes, José da Rocha Moreira e José Rodrigues de Barros Parrião; advogados—Antonio Rodrigues da Silva e Souza, Gustavo Gurgulino de Souza, João Brigido dos Santos e Luiz Rodrigues Samico (procurador de causas); empregados de fazenda—Antonio de Oliveira Maciel, Vicente Ferreira Toscano de Brito, Camerino Facundo de Castro Menezes, José Varonil Bezerra de Albuquerque, João Mendes Pereira, João Paulo da Costa, Simphronio José da Silva, Salustiano de Andrade Pessoa e Trajano Antunes de Alencar; notarios publicos—Ilirerico Narbal Pamplona, José de Sá Cavalcante, Miguel Severo de Souza Pereira e Vicente Ferreira Salazar; professores publicos—Chrisanto Pinheiro de Almeida e Mello, Raymundo Ferreira Gomes, Joaquim Alves de Carvalho, Manoel Gomes de Castro Paiva, Constantino Brigido dos Santos e João Clemente Barbosa de Moraes; militares—Cicero Franklin de Alencar Lima, Pompilio da Rocha Moreira, Silverio José da Cruz Filho, Amalio Maya e Faudilo Severino Duarte; empregados publicos provinciaes—José Raymundo de Amorim Garcia, Urcesino Cesar de Mello Padilha, Arsenio Xavier de Castro e Silva, Hermino Olympio da Rocha e Cesario Severino Duarte.

De todos o que por ultimo se recolheu á paz do tumulo foi o desembargador João Antunes de Alencar, morto em Fortalezo, a 16 de Dezembro de 1922, aos 90 annos de idade.

Cruz Abreu.